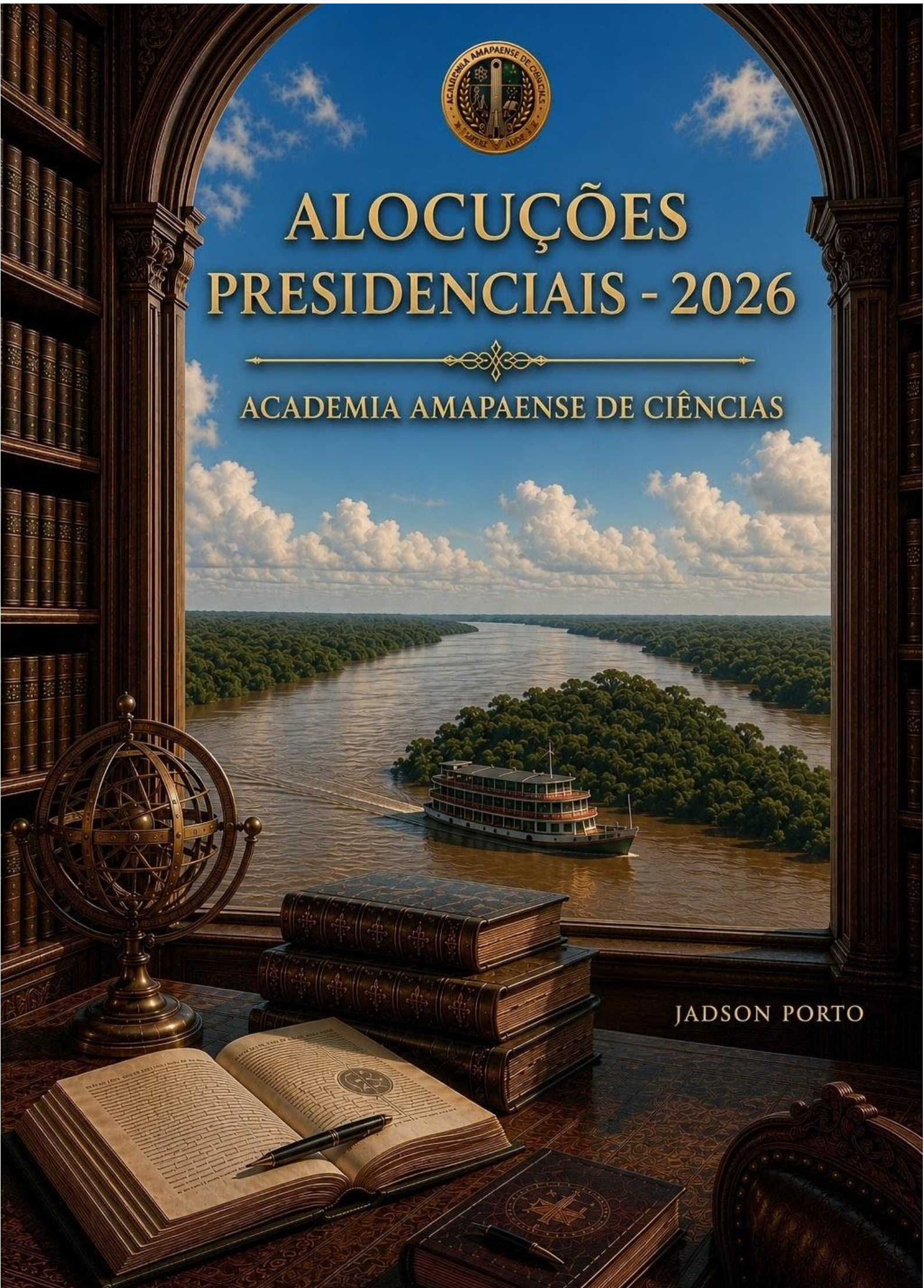

ALOCUÇÕES
PRESIDENCIAIS - 2026
ACADEMIA AMAPAENSE DE CIÊNCIAS
JADSON PORTO



COLEÇÃO DOCUMENTOS
ACADEMIA AMAPAENSE DE CIÊNCIAS, 1

ALOCUÇÕES PRESIDENCIAIS

ACADEMIA AMAPAENSE DE CIÊNCIAS

JADSON PORTO

Maringá
Uniedusul
2026

© Copyright © 2026 ´- Academia Amapaense de Ciências - Todos os direitos reservados
Capa: Jadson Porto



Academia Amapaense de Ciências - AAC.

Presidente: *Dr. Dr. h. c. mult.* Jadson Luís Rebelo Porto
Vice-Presidente: *Dr.* Argemiro Midonês Bastos
Secretário Geral: *Dr. Dr. h. c.* Lailson do Nascimento Lemos
Tesoureiro: *Dr.* Allan Kardec Ribeiro Galardo
Diretoria de Cooperação Institucional: *Drª.* Katia Paulino dos Santos
Diretoria de Comunicação: *Drª. Drª. h. c.* Valdenira Ferreira dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P853a

Porto, Jadson.
Alocuções presidenciais Academia Amapaense de Ciências [livro eletrônico] / Jadson Porto. – 1. ed. – Maringá, PR: Uniedusul, 2026.
il.

Formato: PDF.
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5418-101-3

1. Academia Amapaense de Ciências – Discursos. 2. Ciência – Amapá. I. Título.

CDD 506.0981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI: 10.51324/54181013

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei no 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

INTEGRANTES DA ACADEMIA AMAPAENSE DE CIÊNCIAS

CAD.	PATRONO	FUNDADOR	EFETIVO
1	Silas Mochiutti	Ricardo Adaime da Silva	Ricardo Adaime da Silva
2	José Maria da Silva	Lailson do Nascimento Lemos	Lailson do Nascimento Lemos
3	Joaquim Caetano da Silva	Jadson Luís Rebelo Porto	Jadson Luís Rebelo Porto
4	Odete Fátima Machado da Silveira	Valdenira Ferreira dos Santos	Valdenira Ferreira dos Santos
5	Raimundo dos Santos Souza - Mestre Sacaca	Katia Paulino dos Santos	Katia Paulino dos Santos
6	Ubiratan D'Ambrósio	Romaro Antônio Silva	Romaro Antônio Silva
7	Pedro Ramos de Sousa	Bruno Rogério Silva Cavalcante	Bruno Rogério Silva Cavalcante
8	Raullyan Borja Lima e Silva	Argemiro Midonês Bastos	Argemiro Midonês Bastos
9	Carlos Eduardo Costa de Campos	Marcos Tavares Dias	Marcos Tavares Dias
10	James Jackson Griffith	Marcelino Carneiro Guedes	Marcelino Carneiro Guedes
11	Oswaldo Paulo Forattini	Allan Kardec Ribeiro Galardo	Allan Kardec Ribeiro Galardo
12	Francisco Saturnino Rodrigues de Brito	Alan Cavalcanti da Cunha	Alan Cavalcanti da Cunha
13	Waldemiro Gomes	João Wilson Savino Carvalho	João Wilson Savino Carvalho
14	Edilson Rodrigues Matos	Marcela Nunes Videira	Marcela Nunes Videira
15	Marie Skłodowska-Curie	Monize Martins da Silva	Monize Martins da Silva
16	Antônio Carlos da Silva Farias	Inácia Maria Vieira	Inácia Maria Vieira
17	Tuíre Kayapó	Célia Souza da Costa	Célia Souza da Costa
18	Samuel lIsaac Benchimol	Francisco Tarcísio Alves Jr.	Francisco Tarcísio Alves Jr.
19	Raimundo Pinheiro Lopes Filho	Cristiane Ramos de Jesus	Cristiane Ramos de Jesus

SÓCIO(A)S HONORÁRIO(A)S

Drª Raquel de Andrade Lima Coelho
Drª Denise Pires de Carvalho
Dr. Adalberto Val

Editorial das Coleções Academia Amapaense de Ciências

Jadson Porto

A **Academia Amapaense de Ciências**, fundada em 2026, é uma associação de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, com sede e foro na cidade de Macapá, tendo por objetivo contribuir para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, da educação e do bem-estar social amapaense.

O silogeu nasce da interação de docentes e pesquisadores de cinco instituições atuantes no ensino técnico e superior, bem como em entidades de pesquisa. Ei-las: Universidade Federal do Amapá (Unifap); Universidade Estadual do Amapá (Ueap); Instituto Federal do Amapá (Ifap); Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amapá (Embrapa/AP); e Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (Iepa).

O conjunto de obras bibliográficas da **Academia Amapaense de Ciências** é identificado por coleções temáticas técnico-científicas e reflexivas, que discutem temas pertinentes à ciência, à tecnologia, à inovação e à pós-graduação (CTI&PG) amapaense. A série de coleções é assim composta: *Memorial; Discursos de Posse; Pós-Doutoral; Prêmio Tese; Alocuções Presidenciais* e *Boletins Amapaenses*.

A *Coleção Memorial* visa divulgar os memoriais apresentados, defendidos e aprovados por aqueles que alcançaram o nível de Professor Titular em instituições de ensino superior ou de pesquisa.

A *Coleção Discursos de Posse* tem por escopo apresentar os discursos de posse dos integrantes do silogeu, tanto na **Academia Amapaense de Ciências** quanto em qualquer outra instituição da qual sejam integrantes.

A *Coleção Pós-Doutoral* tem por objetivo divulgar os resultados de estágios pós-doutorais efetuados no Amapá ou, no caso dos integrantes do silogeu, fora do Estado.

A *Coleção Prêmio Tese* visa divulgar as melhores dissertações e teses defendidas e aprovadas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* existentes no Amapá.

A *Coleção Alocuções Presidenciais* reúne manifestações proferidas pela Presidência da **Academia Amapaense de Ciências** sobre a CTI&PG do e no Estado do Amapá.

Por fim, os *Boletins Amapaenses* constituem breves reflexões sobre o Estado do Amapá, mediante o levantamento e o uso de dados estatísticos oficiais sobre as dimensões socioeconômica, ambiental, territorial e de CTI&PG amapaense.

Até a elaboração deste editorial, mais de 12 mil dissertações e teses, discutindo múltiplas percepções e reflexões sobre o Amapá, haviam sido defendidas e aprovadas no cenário mundial. Dessas, 1.500 foram defendidas e aprovadas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* existentes no Amapá.

Mediante essa proposta de divulgação de produções literárias e técnico-científicas, a **Academia Amapaense de Ciências** insere-se como estimuladora da visibilização de algumas produções e gerações de conhecimento elaborado e construído no Amapá, consolidando o seu lema: *Sapere aude.*

Macapá, 19 de setembro de 2026.

Apresentação

Alex Fiúza de Mello

A criação de academias de ciência em regiões mais periféricas, de pouca tradição na produção de conhecimento científico relevante e inovador, é um enorme desafio. Pois se, de um lado, pode representar um incentivo ao desenvolvimento do conhecimento acadêmico em nível local/regional e à formação de mentalidade adequada e afinada aos objetivos mais nobres da iniciativa, aglutinando pesquisadores em comunidade própria, que patrocine uma intelectualidade afim às finalidades da associação; por outro, com o passar do tempo - e desviante dos propósitos originários - pode descarrilhar para uma atuação de intelecção unicamente corporativa, autorreferente e autocentrada, em que o status de pertencimento de seus quadros venha a expressar pouco mais que egocentrismos ilusórios e imodestos individualismos.

Assim, torna-se fundamental que os critérios de aceitação dos membros da Academia sejam rigorosos, meritórios e isentos, pautados em exigências objetivas, demonstráveis na biografia de seus pretendentes (ou convidados) - e, aqui, não basta o título de doutor! - e sem qualquer ingerência política externa - o que tem sido comum em muitos casos.

As pretensas (e desejáveis) respeitabilidade e autoridade acadêmicas, no tempo, decorrerão, unicamente, do respeito a essas premissas e do zelo ao seu cumprimento. Fora disso, toda e qualquer academia perde sentido, razão de ser, valor social, uma vez que amalgamada fora de seu específico e verdadeiro *ethos* funcional.

A Amazônia precisa, sim, de instituições e instâncias que promovam a progresso do conhecimento autóctone, de qualidade universal, mas em bases verdadeiramente sólidas em seu *métier*. Se for assim, viva o mérito! Se não for, mirre o engano! Acima de tudo (e das vaidades), deverá prevalecer, sempre, o bem maior da sociedade!

Belém, 21 de setembro de 2026.

Dr. Alex Fiúza de Mello é Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (1977); Mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (1982); Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1998); Pós-doutorado pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris (1999/2000) e pela Cátedra Unesco de Gestión y Política Universitaria, da Universidad Politécnica

de Madrid (2009/2010). É Professor Titular aposentado da Universidade Federal do Pará. Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA (1985 - 1989); Vice-presidente da Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa - Fadesp (1988-1990); Pró-Reitor de Extensão da UFPA (1989 - 1993); Presidente do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (1990 - 1992); Reitor da Universidade Federal do Pará (2001 - 2005 e 2005 - 2009); Presidente da Fórum de Integração das Instituições de Ensino Superior do Estado do Pará (2001 - 2003); Membro da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação - CNE, do Ministério da Educação (2004 - 2008); Membro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República (2007 - 2008); Membro do Conselho Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes (2008 - 2009); Membro do Conselho Técnico-Científico do Museu Paraense Emílio Goeldi, do Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT (2006/2009 e 2011/13); Membro do Conselho Técnico-Científica do Instituto de Pesquisas da Amazônia - INPA, do MCTI (2012-14); Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Pará e Presidente do Conselho da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Pará (2011-2012 e 2015 - 2018); Secretário Especial de Estado de Promoção Social do Governo do Pará (2013/2015); Membro da Comissão de Credenciamento do Instituto de Formação Profissional e Superior da Escola de Governo do Estado do Pará (2013); Membro do Instituto Tecnológico Vale ? ITV (2016-2017). É autor de livros e artigos em nível nacional e internacional nas seguintes temáticas: Amazônia: modernização e conflitos sociais; Desenvolvimento regional; Capitalismo e globalização; Pensamento social clássico; Educação superior e universidade.

Prefácio

Denise Pires de Carvalho

É com grande alegria e satisfação que apresento a obra *Alocuções Presidenciais: Academia Amapaense de Ciências*, de autoria do professor Jadson Porto, publicação que inaugura a Coleção Documentos da Academia Amapaense de Ciências.

Esta obra integra de um conjunto mais amplo de obras da Academia Amapaense de Ciências, organizado em coleções temáticas técnico-científicas e reflexivas voltadas às discussões sobre Ciência, Tecnologia, Inovação e Pós-Graduação, este volume inaugura a **Coleção Alocuções Presidenciais**, destinada a reunir manifestações produzidas pela Presidência da Academia sobre temas centrais para o desenvolvimento científico amapaense.

Inicialmente, gostaria de saudar a jovem **Academia Amapaense de Ciências**, criada em 2026 a partir do esforço coletivo e da visão estratégica de instituições que há décadas constroem a ciência no estado do Amapá. Parabenizo aqui, como parte desse esforço, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária no Amapá (Embrapa/AP), a Universidade Federal do Amapá (Unifap), o Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (Iepa), a Universidade do Estado do Amapá (Ueap) e o Instituto Federal do Amapá (Ifap), instituições que, juntamente com seus pesquisadores e pesquisadoras, têm contribuído para consolidar uma base científica cada vez mais sólida e comprometida com o desenvolvimento regional.

A criação da Academia é fruto da luta incansável daqueles que fazem ciência no Brasil e que há muito tempo compreendem que não cabe mais enquadrar o país, e tampouco a Amazônia, em leituras reducionistas que a posicionam como periferia do conhecimento ou simples fornecedora de recursos para centros externos de produção científica. Durante décadas, determinadas interpretações insistiram em relegar regiões inteiras à condição de objetos de estudos externos, ignorando sua capacidade de produzir ciência, formular soluções e protagonizar agendas estratégicas para o seu próprio desenvolvimento e também para o desenvolvimento nacional.

Tenho pautado a minha experiência como gestora, e particularmente a frente da Capes, para questionar visões antiquadas e centralizadoras sobre a produção científica

brasileira e, por isso, as iniciativas que vejo no Amapá me alegram. Neste livro, ao longo dos capítulos produzidos, Jadson Porto fortalece o argumento de que o Amapá não deve ser compreendido como espaço periférico, mas como território estratégico de geração de conhecimento, inovação e formação de recursos humanos altamente qualificados. Trata-se de uma reflexão que dialoga diretamente com os desafios contemporâneos do fortalecimento do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação.

A leitura do sumário já permite vislumbrar a riqueza das reflexões aqui reunidas. Temas como a gênese da Academia de Ciências, a construção coletiva dos programas de pós-graduação do estado, a superação de paradigmas vinculados ao extrativismo, os processos históricos de desenvolvimento territorial e a proposição de uma nova periodização para a ciência, tecnologia, inovação e pós-graduação amapaense revelam uma obra que ultrapassa o registro institucional e se converte em importante contribuição para a compreensão da trajetória científica do Amapá.

Ao abordar a construção da ciência amapaense, o autor também nos lembra que a redução das assimetrias regionais permanece como um dos maiores desafios das políticas públicas brasileiras. Certamente, ainda serão necessários anos de investimentos consistentes para atenuar os efeitos de desigualdades historicamente produzidas e, muitas vezes, patrocinadas pelo próprio Estado. O subfinanciamento de instituições e programas situados fora dos centros tradicionalmente consolidados deixou marcas profundas. Por isso, parafraseando o autor, iniciativas como a criação da Academia Amapaense de Ciências, "tardia, mas não atrasada" em sua relevância, assumem papel fundamental para garantir visibilidade, reconhecimento e fortalecimento da ciência produzida no Amapá e por amapaenses.

Na condição de presidente da Capes, acompanho com orgulho a transformação da pós-graduação *stricto sensu* amapaense ao longo das últimas duas décadas. O crescimento e a qualificação desse sistema representam uma das mais importantes conquistas da educação superior no estado. Os resultados da Avaliação Quadrienal 2021-2024 evidenciam uma trajetória consistente de amadurecimento institucional, marcada pela elevação de conceitos em diferentes áreas do conhecimento e pela consolidação de programas comprometidos com os desafios e as potencialidades da Amazônia.

Entre os destaques desse processo está a conquista da nota 5 por programas de excelência e a consolidação de áreas estratégicas para o desenvolvimento amazônico,

como Ciências Ambientais, Saúde, Desenvolvimento Sustentável, Geografia, História e Estudos de Fronteira, campos diretamente vinculados às características do território e às demandas da sociedade amapaense.

Os avanços observados também demonstram a importância da cooperação acadêmica e do trabalho em rede para a redução das assimetrias regionais. A ampliação de parcerias nacionais e internacionais, bem como os processos colaborativos de formação e pesquisa, têm sido decisivos para fortalecer programas de pós-graduação e ampliar sua inserção científica. Trata-se de um movimento que dialoga com as diretrizes da Capes e com os esforços do Ministério da Educação e do Governo Federal para promover maior equilíbrio no desenvolvimento científico brasileiro.

Os resultados nacionais da Avaliação Quadrienal reforçam essa percepção. O crescimento mais expressivo dos programas com excelência acadêmica ocorreu justamente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, sinalizando que as políticas voltadas à redução das desigualdades regionais começam a produzir resultados concretos. Ainda há muito a ser feito, mas os indicadores apontam para um cenário promissor, no qual estados como o Amapá assumem papel cada vez mais relevante na produção do conhecimento científico nacional.

É nesse contexto que esta publicação adquire significado especial. Mais do que reunir pronunciamentos institucionais, *Alocuções Presidenciais: Academia Amapaense de Ciências* registra ideias, debates, projetos e interpretações que ajudam a compreender uma etapa decisiva da construção da ciência, da tecnologia, da inovação e da pós-graduação no estado.

Por essa razão, considero esta obra um documento histórico de valor inestimável. Suas páginas preservam não apenas discursos e posicionamentos institucionais, mas também a memória de um período marcado pela afirmação da capacidade científica do Amapá e pela construção de novos horizontes para seu desenvolvimento. Ao registrar reflexões, desafios, conquistas e perspectivas, o livro contribui para que futuras gerações compreendam os caminhos percorridos e encontrem inspiração para continuar fortalecendo a ciência produzida na Amazônia.

Desejo que esta publicação seja amplamente lida, debatida e valorizada como testemunho de uma trajetória coletiva que reafirma o poder transformador do conhecimento.

Brasília, 22 de setembro de 2026.

Drª Denise Pires de Carvalho é Médica pela UFRJ em 1987 (Diploma Cum Laude); Mestre em Ciências Biológicas (Biofísica) (1989); Doutora em Ciências (1994), pelo Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho. Pós-doutorado no Hôpital de Bicêtre, Unité Tiroïde, Paris (1995) e na Universitá Degli Studi di Napoli, Nápoles (2006). É Professora Titular do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da UFRJ, Livre Docente em Fisiologia e Biofísica pela USP e Pesquisadora 1A do CNPq. É Presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); Presidente do Conseil Scientifique do Institut de Recherche pous le développement (IRD); Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências e da Academia de Medicina do Rio de Janeiro (AMRJ); Membro Efetivo da Academia Luso-brasileira de Letras (2024); Membro do Conselho Consultivo da Anprotec. Foi Secretaria de Educação Superior do MEC (2023), Reitora da UFRJ (2019-2023); Vice-Presidente regional da Inter-American Organization for Higher Education (2021-2023); Representante da América Latina no Steering Committee da Talloires Network of Engaged Universities (2021-2023); Vice-Presidente da Conferência Regional de Reitores das Universidades Latino-Americanas (Crula) (2021-2023); Presidente do Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras (GCUB 2020-2022). Atualmente é membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, da Sociedade Brasileira de Fisiologia, Endocrine Society, European Thyroid Association e Latin American Thyroid Society. Foi condecorada com a Medalha Pedro Ernesto, Câmara de Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro; com a Medalha Tiradentes, Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro; o Título de Grande Oficial da Ordem de Rio Branco; Medalha Santos Dumont da Força Aérea Brasileira, Medalha do Mérito Marechal Cordeiro de Farias do Ministério da Defesa e; Medalha Alice Flexa Ribeiro. Foi vice-Diretora da Andifes, representante da região sudeste (2020-2021), membro do Comitê Gestor do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Pesquisa Translacional em Saúde e Ambiente na Região Amazônica (INCT-INPeTAm, de 2009-2013) e Coordenadora de Projetos Binacionais no âmbito dos Programas Capes/Cofecub (2010-2013 e 2018-2022) e Institut de Recherche pour le Développement - IRD/CNPq (2012-2016).

Sumário

Editorial das Coleções Academia Amapaense de Ciências 5

Apresentação 7

Prefácio 9

Introdução 14

Gênese da Academia de Ciências 16

Academia: entre ser e ter postura 22

Programas de pós-graduação no Amapá: construções indissociavelmente conjunta e coletiva 25

Ciência, tecnologia, inovação e pós-graduação: um novo cenário ao desenvolvimento amapaense para além do extrativismo 28

Desconstruções, descontinuidades e apagamentos do projeto de Bratke no estado do Amapá 31

Aprendizados de uma construção tardia, mas não atrasada: o caso da CTI&PG amapaense 34

A fase de ciências, tecnologias, inovações e pós-graduação amapaense: avanços na reversibilidade do periférico-estratégico 37

Fase de ciência, tecnologia, inovação e pós-graduação amapaense: uma proposta de periodização 40

Sobre o autor 42

Introdução

A origem da Academia Amapaense de Ciências (AAC) é fruto de uma série de comportamentos e manifestações de pesquisadores e (ex)gestores de instituições atuantes na pasta de ciências, tecnologia, inovação CT&I e de ensino superior públicos no Estado do Amapá. Personalidades essas envolvidas em sólidas investigações em suas instituições de origem; envolvidas no sistema de pós-graduação *stricto sensu*, seja como docentes, seja como integrantes de bancas de suas defesas.

Efetivamente, com mais intensidade e impacto, o acesso a técnicas e a CT&I no Estado do Amapá é pós a década de 1990, por conta da multiplicidade de geração de conhecimento institucionalizada, multifacetadas pelas instituições e seus intelectuais, para além da questão mineral e agropecuária. São elas: Embrapa; Fundação Universidade Federal do Amapá (Unifap); Instituto de Pesquisa Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (Iepa); Universidade do Estado do Amapá (Ueap) e; Instituto Federal do Amapá (Ifap).

Passados três décadas, o que começou com 9 cursos de graduação na Unifap (1990), em 2026, a somatória de cursos de graduação oferecidos por esta instituição, acrescidos aos da Ueap e Ifap, registram-se mais de 70 cursos de graduação e 37 de mestrados e doutorados. Ou seja, metade do total dos cursos conjuntos existentes são de pós-graduação *stricto sensu*.

Ou seja, as instituições aqui apresentadas e integrantes da *Academia Amapaense de Ciências*, amadureceram as ações voltadas para as CT&I da fronteira setentrional brasileira.

O marco temporal de gênese consolidadora para a formação deste silogeu deu-se com o início da pós-graduação *stricto sensu* no Estado do Amapá, em 2006. Vinte anos depois, percebeu-se o quanto a CTI&PG amadureceu (Porto, 2026).

Este é o primeiro volume da Coleção Documentos, onde são expostas as alocuções presidenciais da *Academia Amapaense de Ciências*, que registram alguns aspectos das construções e configurações da CTI&PG amapaense, em sua totalidade, a fim de compreender os comportamentos pelas quais o setor científico passou no primeiro quartil do século XXI.

Neste sentido, os repensares sobre a CTI&PG amapaense vem descobrindo novos significados e acionalidades de suas potencialidades. Assim, a *Academia Amapaense de Ciências* chega em um ente federativo onde a ciência, tecnologia, inovação e pós-graduação *stricto sensu* são tardias, mas não atrasadas. E o que outrora foi tratado como *periférico,* hoje tem sido trabalhado, também, como *estratégico.*

REFERÊNCIAS

PORTO, J. **Discursos de Posse – Academia Amapaense de Ciências**. Macapá: Edifap, 2026.

Gênese da Academia de Ciências

Ilustríssimos(as) integrantes da Academia Amapaense de Ciências,

Com muita honra, registro a primeira alocução da Presidência a este silogeu, inicialmente agradecendo a confiança depositada na construção de uma iniciativa voltada ao avanço das dinâmicas que a ciência, a tecnologia e a inovação (CT&I) amapaenses atingiram.

Nosso parâmetro de gênese para esta construção inicia-se com a instalação, a fixação, a consolidação e a geração de conhecimento pelas instituições públicas de pesquisa e de ensino superior no espaço amapaense. São elas:

– Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amapá (Embrapa/AP): criada em 1980 como Núcleo de Pesquisa Agropecuária do Amapá, era administrativamente vinculada ao Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (CPATU), atualmente Embrapa Amazônia Oriental. Em 13 de agosto de 1981, foi desvinculada do CPATU, passando a constituir a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Territorial do Amapá (UEPAT), no então Território Federal do Amapá. Em 1991, com identidade definida, passou a ser o Centro de Pesquisa Agroflorestal do Amapá (CPAFAP).

– Fundação Universidade Federal do Amapá (Unifap): iniciou suas atividades em 1970 como Núcleo Avançado de Ensino (NEM), vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA), com a oferta de aproximadamente 500 (quinhentas) vagas voltadas para o campo do magistério (licenciatura curta), implantando, assim, o ensino superior no Amapá. Em 1991, foi realizado o primeiro vestibular para oito cursos e, em 1993, ocorreu o primeiro concurso para professor efetivo da instituição, sendo aprovados 90 docentes para os cursos de Direito, Secretariado Executivo, Geografia, História, Matemática, Letras, Educação Artística, Pedagogia e Enfermagem. Trinta e três anos após o primeiro concurso para professor efetivo, a instituição possui 37 cursos de graduação e 35 programas de pós-graduação *stricto sensu*, com *campi* em Macapá, Mazagão, Santana e Oiapoque.

– Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (Iepa): a trajetória da instituição passa por uma série de transformações que remontam à

década de 1960, com a criação do Museu Comercial; passa pelo Museu Histórico Científico Joaquim Caetano da Silva (1970), pelo Museu de História Natural Ângelo Moreira da Costa Lima (1974) e pelo Museu de Plantas Medicinais Waldemiro Gomes (1988), até chegar à década de 1990, com a criação do Instituto de Estudos e Pesquisas do Amapá (Iepa), em 1991, e sua reforma administrativa, em 1997, quando passou a se identificar como Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. Em 1999, o Iepa passou a ser vinculado à Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Amapá (Setec).

– Universidade do Estado do Amapá (Ueap): a Universidade do Estado do Amapá foi criada e instituída em 2006, inicialmente com sete cursos de graduação. Vinte anos depois, em 2026, a instituição conta com 16 cursos de graduação; um mestrado em Recursos Naturais Amazônicos (RENAMazon); e integra o programa *stricto sensu* em rede de Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia (Bionorte).

– Instituto Federal do Amapá (Ifap): a história do Instituto começa em 25 de outubro de 2007, com a criação da Escola Técnica Federal do Amapá (Etfap). É constituído pelos *campi* Laranjal do Jari, Macapá, Porto Grande e Santana, além do *campus* avançado de Oiapoque e do Centro de Referência em Educação a Distância Pedra Branca do Amapari, ofertando 22 cursos técnicos, 18 cursos de graduação e um mestrado em rede. Em 2010, passou a atuar com a oferta de cursos técnicos na modalidade subsequente, com cursos implantados e definidos em audiências públicas, com foco nos arranjos produtivos locais. Em 2026, inicia uma experiência inovadora na educação brasileira: o *campus* fluvial, voltado a levar educação profissional e tecnológica às comunidades ribeirinhas do Estado do Amapá.

Outras instituições de pesquisa passaram pelo Amapá; contudo, eram entidades científicas externas que não se fixaram localmente. Foram contratadas para executar serviços com objetivos bem definidos, notadamente relacionados à exploração mineral ou às demandas mercadológicas de produtos ou políticas.

Nesse período de 46 anos de existência da pesquisa institucionalizada, voltada à promoção de avanços na geração de conhecimento e de massa crítica locais, bem como à proposição de estímulos capazes de promover o desenvolvimento local em suas mais

variadas formas — técnicas, metodologias, produtos e políticas públicas —, é possível identificar as seguintes materializações do amadurecimento da CT&I amapaense:

– Proposições perceptíveis em diversos Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos nas instituições de ensino superior amapaenses, sejam elas públicas ou privadas;

– Registros e geração de conhecimento nos relatórios técnicos elaborados pelas instituições acima citadas;

– Geração de conhecimento de nível elevado nas mais de 1.500 (mil e quinhentas) dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* instalados, ao longo de 20 anos de existência desses programas no Estado do Amapá;

– Aprofundamento das análises dos conhecimentos construídos em mais de 30 estágios pós-doutorais realizados nas instituições amapaenses;

– Constante realização de eventos científicos locais, regionais, nacionais e internacionais, inclusive com os países da Região das Guianas, inserindo o Amapá nas discussões científicas em diversas escalas;

– Participação das instituições científicas amapaenses na COP30, bem como em eventos internacionais realizados anteriormente, a exemplo da Conferência das Nações Unidas Eco-92. Ou seja, as instituições científicas amapaenses participam e integram redes vinculadas aos principais eventos científicos internacionais;

– Criação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amapá, em 2010, que vem aprimorando, a cada ano, suas ações de estímulo e fomento à pesquisa local, com o apoio do CNPq e da Capes.

Percebam, meus prezados(as) construtores(as) do conhecimento científico amapaense, que a **Academia Amapaense de Ciências** não nasce por acaso. Ela é resultado da participação de seus integrantes na construção do saber local e na geração de conhecimento na fronteira setentrional da Amazônia brasileira. Essa geração de conhecimento registra mais de 500.000 (quinhentos mil) leitores científicos, segundo o *ResearchGate*, e mais de 25.000 (vinte e cinco mil) citações de seus trabalhos. Isso é magnífico para uma espacialidade científica tardia, como é o nosso caso.

Antes da instalação das pós-graduações, integrantes do silogeu já se destacavam nos cenários nacional e internacional. Com a instalação dos programas *stricto sensu*, consolidou-se a área de CT&I amapaense. Ou seja, somos tardios, sim. Mas não somos atrasados, muito menos periféricos.

Em 26 de julho de 2026, tivemos nossa primeira reunião, realizada na sala de leitura da Embrapa/AP. Participaram desse primeiro encontro: *Dr. Dr. h. c.* Ricardo Adaime da Silva (Embrapa/AP); *Dr. Dr. h. c.* Lailson do Nascimento Lemos (Unifap); *Dr. Dr. h. c. mult.* Jadson Luís Rebelo Porto (Unifap); *Drª. Drª. h. c.* Valdenira Ferreira dos Santos (Iepa); Drª. Kátia Paulino dos Santos (Ueap); Dr. Argemiro Midonês Bastos (Ifap); Dr. Marcos Tavares Dias (Embrapa/AP); Dr. Marcelino Carneiro Guedes (Embrapa/AP); Dr. Allan Kardec Ribeiro Galardo (Iepa); Drª. Marcela Nunes Videira (Ueap); Drª. Monize Martins da Silva (Ueap); e Drª. Inácia Maria Vieira (Iepa).

Nesse encontro, ocorreu a primeira aproximação do núcleo fundador da **Academia Amapaense de Ciências**, visando estabelecer as primeiras diretrizes para a formação e a materialização desta Academia. Durante o evento, foram abordados o histórico das manifestações técnico-científicas, seus comportamentos e as configurações da ciência, da tecnologia e da inovação no Estado do Amapá; um breve histórico das instituições, apresentado por seus respectivos representantes; a apresentação dos membros formadores do silogeu; os objetivos da Academia; e a escolha de sua primeira Diretoria, assim estabelecida: **Presidente:** *Dr. Dr. h. c. mult.* Jadson Luís Rebelo Porto; **Vice-Presidente:** Dr. Argemiro Midonês Bastos; **Secretário-Geral:** *Dr. Dr. h. c.* Lailson do Nascimento Lemos; **Tesoureiro:** Dr. Allan Kardec Ribeiro Galardo; **Diretoria de Cooperação Institucional:** Drª. Kátia Paulino dos Santos; e **Diretoria de Comunicação:** *Drª. Dra. h. c.* Valdenira Ferreira dos Santos.

A partir de então, apresento-lhes as atividades executadas na primeira quinzena de existência do silogeu:

– Início das tratativas para o reconhecimento jurídico da **Academia Amapaense de Ciências**, mediante a elaboração da primeira minuta de seu Estatuto, disponibilizada no grupo de *WhatsApp* do silogeu e que contou, até a elaboração deste texto, com três sugestões. A organização jurídica do silogeu tem contado com a participação do integrante da cadeira nº 13, *Dr. Dr. h. c.* João Wilson Savino Carvalho, advogado;

– Realização de aproximações institucionais por meio de reuniões com representantes do Instituto de Ensino de Segurança Pública do Estado do Amapá, da Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia do Amapá e da Promotoria de Meio Ambiente do Estado do Amapá. Em todas as reuniões, pelo menos um integrante da Diretoria acompanha-me no diálogo;

– Elaboração do livro intitulado *Discursos de posse – Academia Amapaense de Ciências*, no qual serão registrados os discursos dos integrantes do silogeu a respeito de sua inserção na CT&I amapaense. O lançamento da obra está previsto para a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, em outubro de 2026;

– Instauração de comissões para a elaboração das regulamentações dos títulos acadêmicos fixos e flexíveis da Academia Amapaense de Ciências;

– Elaboração de elementos identitários da **Academia Amapaense de Ciências**, tais como logomarca e suas aplicações em produtos de uso institucional, administrativo, pessoal e de divulgação.

A **Academia Amapaense de Ciências** é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter científico, técnico e cultural. Está sendo construída para atender às seguintes finalidades: promover o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação no Estado do Amapá; congregar pesquisadores e cientistas de elevado saber e reputação; estimular a produção e a divulgação do conhecimento científico; estimular o intercâmbio com centros nacionais e internacionais; reconhecer pesquisadores de destaque; incentivar a formação de novos cientistas; promover eventos científicos, cursos, seminários e congressos; emitir pareceres técnicos e científicos, quando solicitada; e preservar a memória científica do Estado do Amapá.

Quanto aos princípios que serão observados por este silogeu, destacam-se: liberdade acadêmica; ética científica; pluralidade de pensamento; transparência; excelência científica; compromisso com o desenvolvimento sustentável; e respeito aos direitos humanos e à diversidade.

Sou cônscio de que os desafios que este silogeu possui são imensos. Mas acredito que, com a intelectualidade analítica e crítica aqui estabelecida, poderemos aprimorar ainda mais a área de CT&I amapaense, inserindo a pós-graduação nas construções dos conhecimentos amapaenses.

Sapere aude é o nosso lema, que significa: *ouse saber; atreva-se a conhecer; avance no conhecimento*. Segundo o Dr. Argemiro Midonês Bastos, nosso Vice-Presidente, originalmente a expressão foi cunhada pelo poeta romano Horácio. Tornou-se o lema oficial do Iluminismo após ser adotada pelo filósofo Immanuel Kant, simbolizando a coragem de pensar por si mesmo e utilizar a própria razão.

Ousemos, pois! Atrevamo-nos, pois! Avancemos, então, na construção de um saber local, com impactos nacionais e internacionais, na geração de *know-how* **de alto nível, mas sem perder nossas tradições nem nos afastarmos de nossa população. Consolidemos condições para que as futuras gerações amapaenses também possam** *sapere aude***.**

Academia: entre ser e ter postura

Com muita honra, registro a segunda alocução da Presidência a este silogeu, inicialmente agradecendo a confiança depositada na construção de uma intenção de avanços nas dinâmicas que a ciência, tecnologia e inovação (CT&I) amapaense atingiu.

O estímulo que tive para escrever esta pequena alocução foi decorrente de dois diálogos que tive recentemente com duas personalidades muito importantes para a formação universitária amapaense: a Drª. Kátia Paulino e o Dr. Romaro Silva. Cada um, com suas experiências e interpretações, apresentou reflexões sobre a construção universitária decorrente das instituições onde atuam.

Após a breve conversa, ao chegar em meu escritório, fui refletir sobre o conteúdo da prosa, e uma pergunta foi ressaltada: **O que é academia?**

Em um breve levantamento, encontrei algumas respostas históricas, outras intencionais e outras institucionais.

No contexto histórico, a origem da academia, no sentido de instituição dedicada ao ensino e à produção do conhecimento, remonta à Grécia Antiga. Por volta de 387 a.C., o filósofo Platão fundou a Academia de Atenas, considerada a primeira instituição de ensino superior do mundo ocidental. Ela recebeu esse nome porque estava localizada em um bosque dedicado ao herói ateniense Academos (Akademos).

Naquele momento, estudavam-se disciplinas como Filosofia, Matemática, Geometria, Astronomia, Política e Ética. O objetivo era formar pessoas capazes de compreender a verdade por meio da razão, do diálogo e da investigação filosófica. Um dos alunos mais famosos da Academia foi Aristóteles, que mais tarde fundou sua própria escola, o Liceu.

Com o passar dos séculos, o termo "academia" passou a designar qualquer instituição voltada ao estudo, à pesquisa e ao desenvolvimento das ciências, das letras e das artes. Durante o Renascimento, surgiram diversas academias científicas e literárias na Europa, inspiradas no ideal platônico.

No contexto intencional, têm-se percebido intenções comportamentais de docentes e discentes que se identificam como acadêmicos, mas não se comportam como tal! Já escutei algumas dessas pessoas afirmarem: *É muito chique se identificar assim!* Todas aquelas que assim se afirmaram ou não concluíram seus cursos ou não seguiram nos ra-

mos profissionais para os quais se prepararam. Não entenderam, de fato, o que significa a expressão.

Quanto às institucionais, há duas percepções: a primeira diz respeito às instituições que envolvem o ensino (graduação e pós-graduação *stricto sensu*), a pesquisa e a extensão, bem como àquelas que atuam somente no ensino (graduação e pós-graduação *lato sensu*). Cada uma delas possui objetivos distintos. A segunda refere-se àquelas que herdaram a tradição iniciada por Platão há mais de 2.400 anos: reunir estudiosos para promover o conhecimento, a pesquisa, o debate intelectual e a difusão da cultura. As mais comuns são as Academias de Letras (a exemplo da Academia Brasileira de Letras, com 129 anos, e da Academia Amapaense de Letras, com 73 anos) e as Academias de Ciências (a exemplo da Academia Brasileira de Ciências, com 110 anos, e da Academia Amapaense de Ciências, fundada em 2026).

Após este levantamento, ocorreu-me outra questão: **O que é ser acadêmico?**

Ser acadêmico significa estar envolvido com a vida universitária ou com a produção e o estudo do conhecimento de forma sistemática. O termo pode ter diferentes sentidos: estudante universitário; pesquisador ou professor; membro de uma academia. Acrescente-se, nessa reflexão, que ser acadêmico geralmente envolve: estudar e aprofundar conhecimentos em uma área; desenvolver pensamento crítico; realizar pesquisas e trabalhos científicos; participar de debates, projetos e atividades de extensão; buscar conhecimento baseado em evidências.

Após essas duas reflexões anteriores, finalizo com outra indagação: **O que é ter postura acadêmica?**

Ter postura acadêmica significa agir de forma ética, crítica, responsável e comprometida com a busca e a divulgação do conhecimento. Não se limita ao ambiente universitário; é uma atitude intelectual e profissional que envolve: compromisso com a verdade; pensamento crítico, questionando argumentos e evitando conclusões precipitadas; honestidade intelectual, com citações corretas das fontes, respeitando os direitos autorais e rejeitando o plágio e a falsificação de dados; curiosidade científica, mantendo disposição para aprender continuamente e revisar ideias diante de novas evidências; rigor metodológico, utilizando métodos adequados na produção e avaliação do conhecimento; respeito ao diálogo, ouvindo diferentes perspectivas com civilidade e debatendo ideias sem ataques pessoais; responsabilidade social; disciplina e organização, cumprindo pra-

zos, preparando-se para atividades acadêmicas e mantendo constância nos estudos e na pesquisa.

Enfim, ter postura acadêmica é cultivar uma atitude de integridade, rigor, humildade intelectual e compromisso com a produção e a difusão do conhecimento, contribuindo para o avanço da ciência, da cultura e da educação.

É neste ambiente que a **Academia Amapaense de Ciências** nasce, pois todos os seus integrantes conhecem muito bem as respostas às três perguntas acima citadas. Cerca de 90% de seus integrantes, além de pesquisadores e docentes, atuaram em gestões institucionais, ao passo que os demais atuaram em pesquisa e em gestões de pesquisa em suas instituições de origem, sendo alguns deles bolsistas de Produtividade do CNPq.

A **Academia Amapaense de Ciências** é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter científico, técnico e cultural. Possui várias finalidades. Para atender aos objetivos deste texto, ressalto as seguintes: promover o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação no Estado do Amapá; congregar pesquisadores e cientistas de elevado saber e reputação; estimular a produção e a divulgação do conhecimento científico; incentivar a formação de novos cientistas. Finalidades essas que estão embasadas na: liberdade acadêmica; ética científica; pluralidade de pensamento; transparência; excelência científica; compromisso com o desenvolvimento sustentável; e respeito aos direitos humanos e à diversidade.

O lema adotado pelo silogeu, *Sapere aude*, que significa: *ouse saber, atreva-se a conhecer; avance no conhecimento*, reforça o comportamento existente nesta Academia, onde todos os seus integrantes são ousados, buscam e geram constantemente conhecimentos.

Programas de pós-graduação no Amapá: construções indissociavelmente conjunta e coletiva

O estímulo que tive para escrever esta pequena alocução foi a apresentação do Pró-Reitor, Dr. Lailson Lemos, expondo 20 anos de atuação da pós-graduação *stricto sensu* na Universidade Federal do Amapá, no I Fórum de Pós-Graduação no Amapá, que contou com a presença da Drª. Denise Carvalho (Presidente da CAPES) e da Drª. Raquel de Andrade Lima Coêlho (Diretora Científica Adjunta do CNPq).

Durante a apresentação do Dr. Lailson Lemos, foram expostos os comportamentos desses Programas de Pós-Graduação na UNIFAP. São informações absolutamente impactantes pelos seguintes motivos:

- As aproximações da Universidade Federal do Amapá, da Embrapa e do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), em um esforço coletivo, conjunto e indissociável na geração de Programas de Pós-Graduação (PPGs) no Estado. Ou seja, os esforços na geração de PPGs stricto sensu são esforços indissociavelmente coletivos, não somente entre intelectuais aqui estabelecidos, mas também por meio de visões institucionais que os representantes das entidades acima citadas mostraram possuir: a geração de conhecimento e de massa crítica local.

- Os esforços que a instituição empreendeu na criação dos três primeiros mestrados, em 2006, ei-los: Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional (atualmente conhecido como Mestrado em Desenvolvimento da Amazônia Sustentável, no comitê de área de Planejamento Urbano e Regional; foi o primeiro mestrado desse comitê na Amazônia); Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas, encerrado em 2015, e, dez anos depois, retomado como Mestrado em Direito; e Mestrado e Doutorado em Biodiversidade (comitê de área de Ecologia).

- Os esforços institucionais na expansão e geração dos atuais PPGs, 35 vinte anos depois. Isso significa que a UNIFAP é outra, mais densa e complexa academicamente, pois possui quase o mesmo quantitativo de cursos de graduação (38) no

Campus de Macapá. Esclareceu também que outros dois PPGs foram estabelecidos no Instituto Federal do Amapá e na Universidade Estadual do Amapá, totalizando 37 no Estado.

- Os esforços institucionais na contratação de nove Doutorados Interinstitucionais (DINTER), acelerando o processo de qualificação de cerca de 180 doutores.

- Os esforços institucionais na ampliação de sua estrutura física, com novas salas de aula, laboratórios e auditórios.

- Os esforços institucionais, notadamente dos colegiados dos cursos de graduação, na liberação de docentes para atingirem o grau de doutoramento no período, com casos de não contratação de professores substitutos para suprir o período de afastamento.

- As percepções da CAPES ao notar que as propostas de PPGs amapaenses possuíam as qualidades necessárias para serem materializadas e ao aprovar os projetos enviados para a Avaliação de Propostas de Cursos Novos (APCN).

- O gradativo envolvimento de docentes nos PPGs, sem perder suas responsabilidades na graduação, sendo alguns deles inseridos em dois ou três Programas.

- A diversificação das áreas de conhecimento desses PPGs, decorrente da gradual ampliação do número de doutores no Amapá, de suas áreas de atuação e de suas redes técnico-científicas estabelecidas.

- A expansão da interiorização da pós-graduação no Brasil, iniciada no primeiro decênio do século XXI.

- O caráter multidisciplinar, decorrente da diversificação de seus comitês de área e da formação de seus docentes.

- O caráter multicomportamental, decorrente da diversidade de suas formações de origem, ora em rede nacional, ora em rede local, ora exclusivamente na própria instituição.

- A atuação como PPGs acadêmicos e/ou profissionais.

- A influência do Plano Norte de Pós-Graduação, defendido pelo Fórum de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação (FOPROP).

Enfim, não é objetivo desta alocução a descrição dos motivos, mas o registro de que tais fatos precisam ser resgatados para que não caiam no esquecimento. A pós-graduação amapaense é um conjunto indissociável de esforços coletivos interinstitucionais locais e de predisposições de intelectuais interessados na geração e divulgação do conhecimento; vinte anos depois, é multidisciplinar, multicomportamental e atuante como PPGs acadêmicos e/ou profissionais.

É neste ambiente que a Academia Amapaense de Ciências se movimenta, pois, ao perceber como o comportamento da CT&I e das pós-graduações locais se manifesta, poderá consolidar as finalidades pelas quais foi criada: estimular o seu lema, *Sapere aude*, a fim de que todos os seus integrantes sejam ousados, busquem e gerem mais conhecimento.

Ciência, tecnologia, inovação e pós-graduação: um novo cenário ao desenvolvimento amapaense para além do extrativismo

À medida que se resgata a construção da CT&I amapaense, estou convencido de que o Amapá se encontra em uma nova fase: a da **Ciência, Tecnologia, Inovação e Pós-Graduação (CTI&PG)**. Tal fase decorre da consolidação de duas décadas de investimentos e fomento à pós-graduação *stricto sensu* no Amapá, que começou com três PPGs, em 2006, e alcança, em 2026, o total de 37. Nesse período, percebe-se a recente desconcentração desses programas da Unifap, que passaram a atuar também na Universidade Estadual do Amapá e no Instituto Federal do Amapá.

Nesses 20 anos, egressos dos PPGs da Unifap retornam para atuar como docentes em instituições de ensino superior, tanto privadas quanto públicas, bem como em instituições de pesquisa, como a Embrapa, o Iepa e o IBGE. Alguns deles avançaram em seus doutoramentos e pós-doutoramentos, como bolsistas fomentados pela Fundação de Amparo à Pesquisa, pelo CNPq, pela Capes ou por outra agência de fomento.

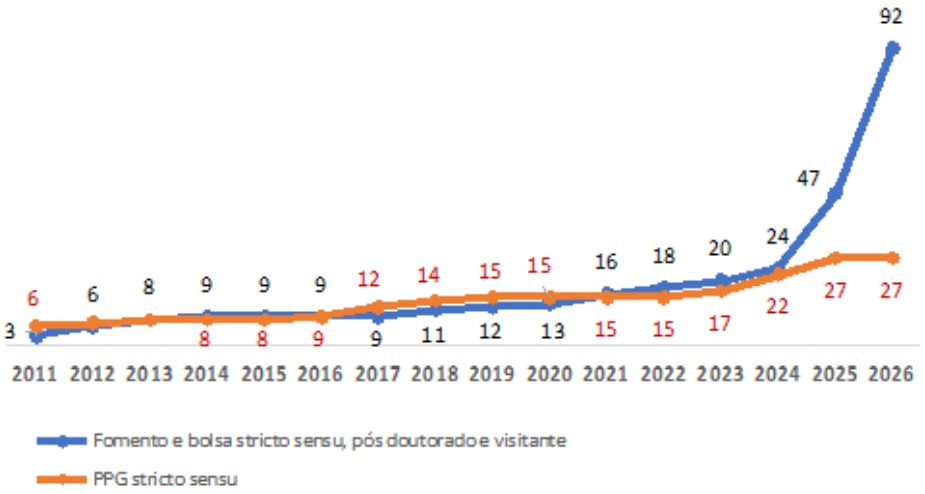
Nesse período, estima-se que foram concedidas cerca de 200 bolsas de mestrado, 100 de doutorado, 50 de pós-doutorado, 15 de pesquisador visitante e 70 bolsas de produtividade para a CTI&PG amapaense.

Entendo que, nessas duas décadas de processo evolutivo da CTI&PG, as instituições fizeram o seu dever de casa, notadamente pelos seus esforços voltados à atração de massa crítica qualificada (com bolsas pós-doutorais, professores visitantes, desenvolvimento tecnológico e bolsas de produtividade); à formação de massa crítica (com bolsas de mestrado e doutorado); à contratação de Dinter; e ao fomento à pesquisa pela Fapeap.

Este trabalho conjunto e indissociável permitiu que, após 2021, a inflexão positiva fosse ampliada ano após ano (Gráfico 1). Isso é maturidade científica.

Gráfico 1

Fomento, bolsa e PPG *stricto sensu* no Amapá (2011-2026)



Fonte: Fapeap (2026); Unifap (2026).

Acrescento a este cenário a expectativa de avanços técnico-científicos que a instalação do Parque Tecnológico poderá proporcionar, gerando novas demandas para os produtos amapaenses, bem como promovendo sua inserção em inovações tecnológicas decorrentes dos programas de incentivo, como os editais para *startups* e o Programa Centelha.

Com o alinhamento dessas iniciativas ao envolvimento dos programas de pós-graduação existentes, em busca de sua consolidação, bem como com o fortalecimento daqueles já consolidados com doutorados, estima-se que o terceiro decênio do século XXI represente, para a CTI&PG amapaense, aliado aos possíveis investimentos decorrentes da exploração petrolífera e da aproximação Mercosul-União Europeia, um novo cenário: o **Desenvolvimento com base técnico-científica para além do extrativismo**.

Enfim, o Amapá não é um ente federativo industrializado, muito menos possui um parque tecnológico consolidado. Entretanto, nas duas últimas décadas, tem executado uma série de ações voltadas à inserção técnico-científica, materializadas por iniciativas institucionais, tais como: implantação de Núcleos de Inovação Tecnológica; criação e expansão de programas de pós-graduação *stricto sensu*; geração de patentes; expansão de grupos de pesquisa no Amapá; ampliação das bolsas de iniciação científica e de extensão universitária, gerando a matéria-prima para os programas de pós-graduação *stricto sensu*; expansão dos campi de ensino superior; e criação da Universidade da Fronteira Norte.

É nesse conjunto indissociável de esforços coletivos interinstitucionais e na predisposição de intelectuais comprometidos com a geração e a divulgação do conhecimento que a Academia Amapaense de Ciências tem percebido a construção da CTI&PG amapaense. A consolidação desse setor vem sendo construída com a ousadia de gerar conhecimento, criar alternativas em busca do desenvolvimento sustentável e estimular as novas gerações a *Sapere aude*.

Desconstruções, descontinuidades e apagamentos do projeto de Bratke no estado do Amapá

A importância arquitetônica e urbanística de Vila Amazonas e Serra do Navio, no estado do Amapá, Brasil, tem sido alvo de pesquisas há mais de 60 anos em todo o mundo. Várias obras (Ribeiro, 1992), dissertações e teses já foram elaboradas e defendidas (Amaral, 2019), assim como estágios pós-doutorais (Fischer-Hoffman; Porto, 2025), em diversos programas de pós-graduação. Trabalhos de iniciação científica e de conclusão de curso nas áreas de Geografia, História, Arquitetura e Urbanismo, na Universidade Federal do Amapá, também são numerosos (Tutyia; Cunha; Viana, 2024; Ribeiro; Tutyia; Picanço, 2025).

Desde a saída da empresa de exploração manganesífera do estado do Amapá, na década de 1990, ocorreu uma série de readequações no uso do território amapaense, que perpassam a venda das residências dos moradores das *company towns* de Vila Amazonas (no município de Santana) e de Serra do Navio, bem como a municipalização desta última, em 1992, e o tombamento de Serra do Navio como Patrimônio Cultural do Brasil, em 2010. Embora Vila Amazonas tenha sido criada segundo o mesmo plano arquitetônico de Bratke, na década de 1950, a vila não foi tombada.

Esse processo tem provocado, desde a década de 1990, uma série de desconstruções e rearranjos arquitetônicos, além da destruição de edificações outrora pesquisadas em dissertações e teses de Arquitetura e Urbanismo, em um processo contínuo de apagamento do projeto de Bratke (Tutyia; Cunha; Viana, 2024).

Ou seja, enquanto um projeto arquitetônico implantado no Amapá, com setenta anos de existência, chama a atenção de renomados arquitetos e pesquisadores em todo o mundo, é analisado por grupos de pesquisa estabelecidos no estado, compostos por sólida massa crítica e referenciados nos cenários nacional e internacional, os comportamentos da comunidade onde esses projetos estão inseridos, estimulados pelo capital imobiliário local, têm promovido a desconstrução e o apagamento da história arquitetônica regional.

No dia 3 de agosto de 2026, ocorreu a destruição de um dos edifícios do projeto arquitetônico de Bratke: o histórico restaurante de Vila Amazonas. A vila já se encontra descaracterizada por seus novos moradores, que adquiriram as moradias dos trabalhadores da Icomi após a década de 1990. Passados trinta anos, pouquíssimas edificações mantiveram suas características originais. E a história segue sendo apagada.

As relações espaciais no eixo Macapá–Santana tornaram-se mais dinâmicas após 1944, quando a capital amapaense foi transferida do município de Amapá para Macapá (Porto, 2024). Foi essa decisão que garantiu toda a nova reorganização espacial do Amapá, posteriormente consolidada com a chegada da Icomi e a instalação de toda a infraestrutura destinada a atender aos seus interesses (Porto, 2003). Nesse contexto, o projeto arquitetônico de Bratke para Vila Amazonas e Serra do Navio assumiu, inicialmente, particularidades próprias quanto ao uso e às funções do território.

Posteriormente, no caso de Vila Amazonas, destacou-se por suas complementaridades urbanas com o núcleo urbano de Santana, após 1987, quando este foi elevado à categoria de município. Já Serra do Navio, localizada a 190 km de Santana, em meio à floresta, preservou sua arquitetura, notadamente em razão de seu tombamento, ocorrido em 2010.

Na porção mais urbanizada do Amapá, as rugosidades geográficas vêm sendo progressivamente removidas da paisagem para dar lugar a formas de modernização desprovidas de contextualização histórica e de memória. Assim, os não lugares ocupam, cada vez mais, a paisagem urbana do estado do Amapá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Laura Regina. **As casas de Oswald Arthur Bratke**: Uma análise da obra. São Paulo: FAU/USP, 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

FISCHER-HOFFMAN, Cory; PORTO, Jadson. A invisibilidade visível da Bethlehem Steel Corporation no Amapá, Brasil (1949-1984). **Confins**, 66, 2025. Disponível em: https://journals.openedition.org/confins/61957.

PORTO, Jadson. (Des)construções de um espaço reconfigurado: 8 décadas de Macapá como capital amapaense. *In*: TOSTES, José Alberto. **Arquitetrura e urbanismo 20 anos**. Macapá: Edunifap, 2024, p. 164-176.

PORTO, Jadson. **Amapá**: Principais transformações econômicas e institucionais (1943-2000). Macapá: Setec, 2003.

RIBEIRO, Benjamim Adiron. **Vila Serra do Navio**: Comunidade Urbana na Selva Amazônica: Um projeto do Arq. Oswaldo Arthur Bratke. Pini. São Paulo, 1992.

RIBEIRO, Ana Paula Oliveira; TUTYIA, Dinah R; PICANCO, Caio. G. M. As áreas verdes no projeto de Bratke no Amapá o conjunto operário da Vila Amazonas. **A Pixo**: Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 9, p. 168-183, 2025.

TUTYIA, Dinah; CUNHA, Amanda Albuquerque; VIANA, Wendy Kaylane Santos. Vila Amazonas e o processo de apagamento do projeto de Oswaldo Bratke para o Território Federal do Amapá. *In*: **Anais** do X Seminário Docomomo Norte e Nordeste: Conservar já, Documentar sempre! Campina Grande (PB) UFCG, UNIFACISA, 2024. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/xdocomomonne2024/888874-VILA-AMAZONAS-E-O-PROCESSO-DE-APAGAMENTO-DO-PROJETO-DE-OSWALDO-BRATKE-PARA-O-TERRITORIO-FEDERAL-DO-AMAPA.

Aprendizados de uma construção tardia, mas não atrasada: o caso da CTI&PG amapaense

Na espacialidade do ente federativo, tem havido uma série de investimentos visando à exploração de suas potencialidades, mas que, necessariamente, têm se revertido ao avanço e à consolidação do sistema de ciência, tecnologia e inovação (CT&I) local. O Estado do Amapá iniciou sua configuração territorial como ente federativo em 1943, como Território Federal, sendo estadualizado em 1988 (Porto, 2003).

Tal comportamento foi decorrente, primeiro, do fato de que, até o início da década de 1990, não havia instituições de ensino superior no então Território Federal do Amapá. Efetivamente, houve investimentos destinados às escolas técnicas, a fim de preparar mão de obra técnica para a execução dos empreendimentos que gradativamente se instalavam no espaço amapaense.

Segundo, porque, no período entre 1990 e 2006, o que predominou no ensino superior amapaense, público e privado, foi o atendimento às áreas de licenciatura e administração.

Terceiro, após 2006, um conjunto de transformações no ensino superior começou a consolidar uma série de diversificações em seus cursos, laboratórios e grupos de pesquisa. No ensino, além da expansão e diversificação dos cursos de graduação para além das licenciaturas, ampliaram-se e diversificaram-se cursos destinados ao meio ambiente, ao entendimento do social e da sociedade, bem como à área administrativa e empresarial.

Acrescente-se, também, que, nessa temporalidade de meados do primeiro decênio do século XXI, deu-se início aos programas de pós-graduação stricto sensu no Estado do Amapá, como os mestrados em Desenvolvimento Regional, em Direito Ambiental e Políticas Públicas e em Biodiversidade. A partir deles, o amadurecimento dos cursos de graduação existentes e das especializações instaladas nas instituições de nível superior foi gradativamente se consolidando, à medida que os estudantes amapaenses foram sendo aprovados nos mestrados instalados na Universidade Federal do Amapá. Em 2026, têm-se 37 Programas de Pós-Graduação (PPG) stricto sensu no Amapá.

No contexto laboratorial, com a chegada de novos doutores, seja por concurso, seja pela conclusão de doutorado por parte de seus docentes, o movimento de ampliação dos PPGs no Amapá foi gradativamente estabelecido e consolidado, gerando uma massa crítica local, sendo aproveitada pelo mercado local de estabelecimentos de ensino superior e de pesquisa.

Quanto à diversificação dos grupos de pesquisa e à expansão dos laboratórios nas instituições de ensino e de pesquisa do Estado, esta é resultado de uma série de fatores da nova fase existente: a Fase de Ciências, Tecnologias, Inovações e Pós-Graduação (CTI&PG) amapaense.

Esta fase possui as seguintes características:

- É decorrente da inserção de novos doutores, por meio de concursos e como egressos da pós-graduação stricto sensu local, que corroboram na construção dos PPGs, seja na consolidação de novos cursos, seja em suas participações para elevar suas notas de três para quatro, permitindo, com isso, ao programa submeter propostas de novos doutorados amapaenses à Capes;

- Estimulou a formação e a consolidação de grupos de pesquisa;

- Estimulou a elaboração e a submissão de projetos a agências de fomento nacionais e internacionais, em editais de estímulo à pesquisa, bem como a concessão de bolsas de produtividade;

- Ampliou a identificação e a concessão de bolsas de mestrado, doutorado, pós-doutorado e de pesquisadores e professores visitantes;

- Aumentou os investimentos em editais voltados para atividades de extensão, inserindo as instituições em ações socioacadêmicas.

Evidencia-se, com isso, que o contexto da CTI&PG amapaense está pronto para acompanhar algumas das dinâmicas que o século XXI vem apresentando. Veja-se o caso dos editais sobre a instalação de *startups* no Amapá. Se não existe algum direcionamento de CTI&PG, cria-se! Assim nascem a mão de obra qualificada, o estabelecimento das massas críticas e a expansão dessas pessoas nas políticas de CTI&PG local.

Muito há para se avançar. Talvez as expectativas que o Amapá enfrenta com a possível exploração petrolífera e a assinatura do Acordo Mercosul/União Europeia, seu potencial ambiental e suas atividades econômicas - extrativismo vegetal e mineral, pesca,

área de livre comércio, turismo, dentre outras -, o uso e a função de seu território possam ser fortalecidos e executados, pensando-se nas diretrizes de seu desenvolvimento sustentável.

Enfim, o que foi iniciado na década de 1990, inicialmente voltado para o ensino superior de graduação, hoje atua no ensino superior (graduação e pós-graduação), na pesquisa, na extensão e na internacionalização. Ampliaram-se as inserções nacionais e internacionais por meio de suas redes de pesquisa, refletindo sobre o espaço amapaense, seus usos e funções do território, suas potencialidades e suas (re)organizações territoriais, sociais, técnicas e tecnológicas.

Passadas oito décadas de criação do Amapá como ente federativo, cinco décadas de atos e ações de pesquisa, três décadas de ensino superior e duas décadas de pós-graduação, percebe-se que a lição já sabemos de cor; só nos resta aprender (Porto, 2023). E estamos aprendendo.

Sapere aude

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, J. S. *et. al*. O Sistema de Inovação do Amapá: configuração institucional, entraves estruturais e perspectivas de desenvolvimento regional. *In*: CARIO, S. A. F. *et al.* **Sistemas de inovação no Brasil**: enraizamento enovas bases para o processo de desenvolvimento (Orgs). Belo Horizonte: CEDEPLAR, 2026. pág. 206-241.

PORTO, J. Repensares sobre o Amapá: Ensaios de aprendizados de usos de seu território**.** *In:* PORTO, J. **Discursos da Academia Amapaense de Letras***.* Maringá: Uniedusul, 2023.

PORTO, J. **Amapá**: Principais Transformações Econômicas e institucionais (1943-2000). Macapá: Setec, 2003.

A fase de ciências, tecnologias, inovações e pós-graduação amapaense: avanços na reversibilidade do periférico-estratégico

Oficialmente, na data de hoje, deram-se início aos trâmites de reconhecimento jurídico da **Academia Amapaense de Ciências (AAC)**.

Desde a primeira reunião, ocorrida na Embrapa/AP, em 26/6/2026, quando foi apresentada a proposta a um grupo de 13 professores e pesquisadores atuantes na Universidade Federal do Amapá (Unifap), Universidade Estadual do Amapá (Ueap), Instituto Federal do Amapá (Ifap), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amapá (Embrapa/AP) e Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (Iepa), ficou muito claro que o que se intencionava era a construção de uma instituição voltada à reflexão sobre o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação (CT&I) no Estado do Amapá.

Àquele momento, resgataram-se os grandes desafios que a CT&I amapaense e aquelas instituições enfrentavam em suas rotinas investigativas e/ou de ensino superior. A Embrapa/AP, em 2026, completou 45 anos de atuação no Estado do Amapá; a Unifap, 36 anos; o Iepa, 35; a Ueap, 20; e o Ifap, 18. São instituições jovens, mas que, em suas interações conjuntas e indissociáveis na formação, construção, geração e divulgação do conhecimento amapaense, adquiriram uma experiência única sobre os usos, os planejamentos, as organizações, as configurações e as propostas de reorganizações territoriais do Estado do Amapá e, principalmente, na geração de conhecimento e de massa crítica na fronteira da Amazônia setentrional brasileira.

No período entre a primeira reunião acima citada e a de hoje, agendas de diálogo foram elaboradas, voltadas aos gestores das instituições que são representadas neste silogeu, bem como a outros gestores públicos e privados, com a seguinte pauta: apresentação do silogeu; seus objetivos estabelecidos; sua formação de profissionais envolvidos, cujos integrantes são todos doutores (com cerca de 50% deles com pós-doutoramentos); suas produções intelectuais e impactos nos meios científicos nacional e internacional; e como elas poderiam colaborar na consolidação do silogeu.

Três, dentre as diversas maneiras de colaboração expostas, foram constantes nos diálogos: o espaço para fixação do silogeu; a política de divulgação dos conhecimentos produzidos pelo silogeu e seus colaboradores; e a participação do silogeu em reuniões nacionais de CT&I. Como resultado, todas se predispuseram a contribuir com o custeio de eventos científicos; com a participação de integrantes do silogeu em eventos inerentes às ações do silogeu no cenário nacional; e com a colaboração na divulgação de material produzido pelos integrantes e/ou pelo meio técnico-científico das cinco instituições formadoras.

Para o primeiro caso, garantir as condições necessárias para a atração de intelectuais de elevado impacto intelectual e produtivo, para atuarem como palestrantes e/ou conferencistas nos eventos apoiados pela **Academia Amapaense de Ciências**.

No segundo, participação em reuniões junto ao CNPq, à Capes, à Academia Brasileira de Ciências ou a outra instituição fomentadora de CT&I nacional e internacional; e, por fim, na terceira, estimular a produção de material bibliográfico sobre o conhecimento produzido e gerado pelos pesquisadores e seus orientandos de pós-graduação *stricto sensu*.

As obras literárias desta Academia são resultados de pesquisas, reflexões e análises de seus integrantes, bem como da intelectualidade local de alto nível, e serão identificadas por coleções temáticas técnico-científicas, assim compostas: *Memorial; Discursos de Posse; Pós-Doutoral; Prêmio Tese; Alocuções Presidenciais* e *Boletins Amapaenses*.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito à tomada de decisão do silogeu quanto ao processo de reconhecimento profissional do cientista local, com ênfase na sua produção técnico-científica; na geração de conhecimento por meio de orientações em iniciação científica, mestrado e doutorado; bem como em suas supervisões pós-doutorais.

Quanto ao reconhecimento institucional, ressalta-se a importância, a relevância e as iniciativas das instituições técnico-científicas instaladas no Amapá na formação de massa crítica local em níveis técnicos, de graduação e pós-graduação; no estímulo e fomento técnico-científico; e no estímulo à divulgação do conhecimento gerado.

Observou-se, também, que, desde meados do primeiro decênio do século XXI, iniciaram-se os programas de pós-graduação *stricto sensu* no Estado do Amapá. Com isso, evidenciou-se o amadurecimento das instituições que, com a expansão das instituições de ensino superior no Amapá, tanto públicas quanto privadas, ampliaram a oferta de novos

cursos de graduação e de especializações. Nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, em 2006, havia somente três desses programas. Vinte anos depois, em 2026, têm-se 37, com mais de 1.500 dissertações defendidas no período.

Assim, a **Academia Amapaense de Ciências** entende que, desde 2006, este movimento de ampliação dos PPGs no Amapá inicia uma nova fase que vem se consolidando: a *Fase de Ciências, Tecnologias, Inovações e Pós-Graduação (CTI&PG) Amapaense*.

Partindo deste pressuposto, é bem evidente que as instituições fizeram o seu dever de casa para a consolidação e o amadurecimento técnico-científico local. A percepção deste silogeu é que, nesse conjunto indissociável de esforços coletivos interinstitucionalizados, obteve-se a ousadia de gerar conhecimento, criar alternativas em busca do desenvolvimento sustentável e estimular as novas gerações a *sapere aude*.

Hoje, com os primeiros passos de encaminhamentos jurídicos iniciados, acrescido das expertises de seus integrantes e das instituições envolvidas; da construção de duas décadas de pós-graduação *stricto sensu* e da geração de conhecimento de suas dissertações e teses defendidas, consolidando as defesas de conclusão de cursos de graduação das instituições de nível superior locais e; dos relatórios e trabalhos oriundos das bolsas de iniciação científica e; ao exercício de supervisionar pós-doutorados nessas instituições, inicia-se a *Fase de Ciências, Tecnologias, Inovações e Pós-Graduação (CTI&PG) Amapaense* vai se fortalecendo e consolidando na fronteira setentrional brasileira.

O que outrora foi tratado como *periférico,* hoje tem sido trabalhado, também, como *estratégico.* Ou seja, foi a geração de conhecimento, a formação de massa crítica e a divulgação dos conhecimentos gerados e adquiridos que possibilitaram novos usos e funções do território amapaense, bem como novas leituras e interpretações sobre o Amapá, evidenciando o quanto, nessa *condição de reversibilidade do periférico-estratégico*, o Amapá avançou.

Fase de ciência, tecnologia, inovação e pós-graduação amapaense: uma proposta de periodização

A geração do conhecimento amapaense tem sido muito estimulada com a instalação do ensino superior no Estado, no início da década de 1990, e consolidada com o início da pós-graduação stricto sensu, em 2006. A primeira instituição pública com esse perfil é a Universidade Federal do Amapá (Unifap).

Visando abordar uma reflexão sobre as instituições públicas de ensino superior que integram a **Academia Amapaense de Ciências**, desde as suas origens, em sua totalidade, já foram outorgadas mais de 110 mil titulações de graduação em suas mais diversas áreas de conhecimento; mais de 5 mil titulações de tecnólogo pelo Instituto Federal do Amapá (Ifap) e por instituições estaduais; e cerca de dois mil títulos de mestrado e doutorado.

Nesse sentido, essas instituições possuem uma atuação importantíssima nas diretrizes de desenvolvimento do Estado, da Região Amazônica e do Brasil, pois seus diplomados atuam profissionalmente em diversos setores sociais e econômicos do país.

Para o caso amapaense, além de suas colaborações nas dinâmicas econômicas locais, eles são responsáveis, também, por transformações sociais, econômicas, espaciais e institucionais, não somente em seus respectivos setores e locais profissionais, mas, com a inserção dos Programas de Pós-Graduação, uma outra transformação, mais qualificada, se materializa.

Assim, essas instituições, que têm a responsabilidade pela formação, pela geração de conhecimento e pela mão de obra, contam também com laboratórios que têm como *locus* de pesquisa e de práticas educacionais; geram conhecimentos expostos em seus Trabalhos de Conclusão de Curso de graduação, nas monografias de especialização, dissertações, teses, artigos em periódicos, livros publicados e relatórios pós-doutorais. Inicia-se uma nova fase no Amapá: **Fase de Ciência, Tecnologia, Inovação e Pós-Graduação (CTI&PG)**. Esta apresenta a seguinte periodização:

- Gênese da Ciência e Tecnologia no Amapá (1943–1990): ênfase no extrativismo mineral, nas atividades de silvicultura e nas atividades agroflorestais;

- Institucionalidade da CT&I Amapaense (1990–2006): instalação de instituições de ensino superior (públicas e privadas) e de pesquisa públicas; gênese da interiorização do ensino superior e de entidades de políticas de CT&I amapaenses;

- A Formação da CTI&PG Amapaense (pós-2006): ampliação e interiorização do ensino superior amapaense; instalação de Programas de Pós-Graduação; de entidades de políticas e fomento de CT&I amapaenses; inserção de estágios pós-doutorais em instituições de ensino superior com pós-graduação stricto sensu; instalação da **Academia Amapaense de Ciências**.

As expectativas que se apresentam ao terceiro decênio do século XXI estão relacionadas à possível exploração petrolífera na costa amapaense e à possível ampliação das relações transfronteiriças do Estado do Amapá com a Guiana Francesa, decorrentes dos seguintes fatores: assinatura do Acordo-Quadro Brasil-França (1996); liberação da ponte sobre o rio Oiapoque; assinatura do acordo Mercosul-União Europeia; e aprovação da criação da Universidade Federal da Fronteira Norte, consolidando as iniciativas de ensino técnico e superior iniciadas pela Universidade Federal do Amapá e pelo Instituto Federal do Amapá.

Enfim, ao resgatar o lema da **Academia Amapaense de Ciências** (*Sapere aude*), que significa *ouse saber; atreva-se a conhecer; avance no conhecimento*, no terceiro decênio do século XXI representa um ato de ousadia. Pois **a construção de um saber local, iniciado na capital amapaense e replicado no interior pelos campi universitários e tecnológicos, vem gerando novos conhecimentos locais e massa crítica.**

Sobre o autor



Jadson Luís Rebelo Porto: Bacharel e Licenciado em Geografia (UFPa, 1990, 1993); Mestre em Geografia (UFSC,1998); Doutor em Ciência Econômica (Unicamp, 2002); Pós-Doutor em Desenvolvimento Regional (FURB, 2014): Pós-Doutor em Geografia, pela Universidade de Coimbra (Portugal) (2015); Pós-Doutor em Estudos Sociais, pela Universidad Nacional de la Patagonia Austral - Unidade Rio Gallegos (UNPA/UARG), Argentina (2017); Pós-Doutor em Desenvolvimento Regional (UFT, 2020); Pós-Doutor em Planejamento Territorial (Idega/Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, 2025). Coordenador do Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos (Nesur/Unifap). Professor Titular da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Professor do Mestrado em Desenvolvimento da Amazônia Sustentável da Unifap. Integrante efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba, PR), cadeira de nº 3, Patrono Alberto Oliveira (2022). Integrante efetivo da Academia Amapaense de Letras (Macapá, AP), cadeira de nº 17, Patrono Joaquim Caetano da Silva (2022). Integrante efetivo e Presidente da Academia Amapaense de Ciências, cadeira de nº 3, Patrono Joaquim Caetano da Silva (2026). Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará no Estado do Amapá. Tem se destacado em pesquisas sobre a Amazônia setentrional brasileira e a Região das Guianas. *Doutor Honoris Causa Multiplex. Notório Saber Literário. Notório Literato.*

A criação de academias de ciência em regiões mais periféricas, de pouca tradição na produção de conhecimento científico relevante e inovador, é um enorme desafio. Pois se, de um lado, pode representar um incentivo ao desenvolvimento do conhecimento acadêmico em nível local/regional e à formação de mentalidade adequada e afinada aos objetivos mais nobres da iniciativa, aglutinando pesquisadores em comunidade própria, que patrocine uma intelectualidade afim às finalidades da associação; por outro, com o passar do tempo - e desviante dos propósitos originários - pode descarrilhar para uma atuação de intelecção unicamente corporativa, autorreferente e autocentrada, em que o status de pertencimento de seus quadros venha a expressar pouco mais que egocentrismos ilusórios e imodestos individualismos.

Alex Fiuza de Mello

A criação da Academia é fruto da luta incansável daqueles que fazem ciência no Brasil e que há muito tempo compreendem que não cabe mais enquadrar o país, e tampouco a Amazônia, em leituras reducionistas que a posicionam como periferia do conhecimento ou simples fornecedora de recursos para centros externos de produção científica.

(...)

Considero esta obra um documento histórico de valor inestimável. Suas páginas preservam não apenas discursos e posicionamentos institucionais, mas também a memória de um período marcado pela afirmação da capacidade científica do Amapá e pela construção de novos horizontes para seu desenvolvimento. Ao registrar reflexões, desafios, conquistas e perspectivas, o livro contribui para que futuras gerações compreendam os caminhos percorridos e encontrem inspiração para continuar fortalecendo a ciência produzida na Amazônia.

Denise Pires de Carvalho

ISBN 978-65-5418-101-3